

A filosofia da Existência: Conceito de angústia existencial em Kierkegaard e Heidegger

The Philosophy of Existence: Concept of anguish existential in Kierkegaard and Heidegger

 <http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v12i2.2930>

Francisco José Fogaça

Doutorando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE)

Presidente da Fundação Cultural de Minas Gerais (FUNDAC)

Email: francisco.fogaça@fundac.org.br



Recebido em: 10/11/2019 – Aceito em 31/12/2019

Resumo: Por meio da análise filosófica o artigo retrata o conceito de existencialismo e as suas influências no mundo moderno e contemporâneo. A abordagem retrata a filosofia dos conceitos em perspectiva comparativa sobre o existencialismo na filosofia de Kierkegaard e Heidegger. Nessa perspectiva discute-se os idealismos, as angústias e as consciências transcendentais no pensamento dos sujeitos

Palavra-Chaves: Existencialismo, Kierkegaard, Heidegger

Abstract: Through philosophical analysis the article portrays the concept of existentialism and its influences in the modern and contemporary world. The approach portrays the philosophy of concepts in a comparative perspective on existentialism in the philosophy of Kierkegaard and Heidegger. From this perspective, idealisms, anxieties and transcendental consciences are discussed in the subjects' thinking

Keywords: Existentialism, Kierkegaard, Heidegger

Introdução

É sabido que as bases do existencialismo encontram-se em Kierkegaard e Heidegger, principalmente. Vejamos, portanto, o conceito de angústia nesses dois pensadores, por ser este conceito muito importante no existencialismo em geral.

Diz Kierkegaard:

“Em tal estado (de inocência) existe calma e descanso, porém existe, ao mesmo tempo, outra coisa que entretanto, não é perturbação nem luta, porque não existe nada contra que lutar. O que existe então? Nada. Que efeito produz, porém, este nada? Este nada dá nascimento à angústia. Aí está o mistério profundo da vida: sua própria realidade, que é um átimo, e a inocência vê sempre e sempre, diante de si, este nada.

A angústia é determinação do espírito sonhador, e a tal respeito, ocupa lugar na psicolo-

gia. A vigília estabelece diferença entre mim mesmo e o outro em mim, o sono deixa-a suspensa, o sonho traz a suspensão dela como um vago nada... Poucas vezes encontra-se analisado, em psicologia, o conceito de angústia, e, desse modo, não posso deixar de assinalar bem a completa divergência entre estes e outros conceitos idênticos, como o de terror, que sempre remontam a alguma coisa de exata enquanto que a angústia é a realidade da liberdade como puro possível...A angústia é *antipatia simpatizante* e *simpatia antipatizante*. A realidade completa do saber projeta-se na angústia como o infindo nada da ignorância.

Frequentemente, não se dá muita atenção quando se fala de expressões como desejo, melancolia, esperança etc..., que têm implicação com um estado anterior e, por isso mesmo, atual, a fazer-se sentir, do mesmo passo, que o desejo aumenta-o... A expressão desse desejo é a angústia, pois efetivamente, é na angústia que se pressagia o estado do qual se quer sair e é a angústia que proclama não ser bastante somente o desejo para que daí se saia... A angústia pode ser comparada à vertigem. Quando o olhar imerge num abismo, existe uma vertigem, que nos chega tanto do olhar como do abismo, visto que nos seria impossível deixar de o encarar. Esta é a angústia, vertigem da liberdade, que surge quando, ao desejar o espírito estabelecer a síntese, a liberdade imerge o olhar no abismo das suas possibilidades e agarra-se à finitude para não soçobrar.

A angústia constitui o possível da liberdade e apenas essa angústia forma, pela fé, o homem, no sentido completo da palavra, absorvendo todas as finitudes, descobrindo todas as ilusões”. (KIERKEGAARD, 1968:45)

Kierkegaard abandona a concepção idealista que despersonalizava o homem porque vinculava o pensamento ao sujeito puro do conhecimento, vinculava o homem a uma consciência vazia, abstrata, que não era de ninguém. Isso vale tanto para a consciência transcendental de Kant, quanto para o espírito universal de Hegel. Sendo assim:

“A preocupação constante do existencialismo é reencontrar um sujeito existencial, o de nossa experiência pessoal vivida, e de restaurar o contato íntimo na existência humana, entre a subjetividade e a transcendência, dois termos antitéticos mas indissolúvelmente ligados. A tensão entre esses dois termos define o sujeito existencial”. (GARAUDY, 1968:47)

Vemos aqui que a expressão sujeito existencial se contrapõe à expressão sujeito puro do conhecimento, ou seja, o sujeito do existencialismo é o sujeito encarnado no aqui e no agora da existência humana, o sujeito da experiência vivida. E toda experiência vivida é única e incomunicável. Tal se expressa, por exemplo, na experiência de angústia e fé de Abraão. Para o filósofo cristão Kierkegaard, Deus é uma exigência do desespero, um postulado do existente. Apesar disso, diz ele que o crente não pode escapar à angústia porque nada pode garantir-lhe que a sua fé em Deus corresponda a uma realidade, permanece a incerteza: “Dentro da incerteza objetiva, estando por cima de uma profundidade de setenta mil pés de água, contudo eu creio.”

Uma consequência inevitável desse subjetivismo absoluto é que não deixa fora da subjetividade senão o nada. “O ateísmo desesperado da paixão inútil de Sartre acha-se no coração mesmo da fé de Kierkegaard, antepassado de todos os místicos sem Deus”, segundo as palavras de Garaudy. Podemos

observar que temas como subjetividade, solidão, ambiguidade, derrelição, desespero, nada, existência como tensão, são todos temas fundamentais das formas posteriores do existencialismo e são todos temas cristãos, temas místicos.

Martin Heidegger pode ser considerado a expressão mais aguda da confusão que atingiu o mundo no período compreendido entre as duas grandes guerras mundiais, especialmente na Alemanha. Diz-se que a derrota da Alemanha deixara mais ruínas morais que materiais. Esse estado de depressão moral se transformou num forte motivo para a embriaguez hitlerista, com seu irracionalismo profundo diante desse quadro de desolação moral, a vida do homem aparece sem perspectiva, fica desprovida de significado. A situação dos homens de uma certa nação e de uma certa classe num momento de crise torna-se, para Heidegger, a característica trágica de toda a existência, a condição humana por excelência.

Segundo HEIDEGGER (1968), o ser humano “só pode definir-se, a partir de seu existir, isto é, de sua possibilidade de ser ou não ser o que ele é”. A inquietude de ser constitui a autêntica existência do homem. Segundo HEIDEGGER (1968) esta existência se dá em três momentos:

- 1- A derrelição - O homem surge do nada, é jogado no meio de suas possibilidades. Esse surgimento é contingente, sem razão, absurdo.
- 2 - O projeto - O homem lança-se em direção ao possível, em direção ao que ainda não é, porque ele está cercado pelo nada. Nosso futuro inscreve-se no nada. Através de nossos projetos, o mundo adquire um sentido.
- 3- A queda - É o abandono da existência autêntica, a queda no cotidiano, no habitual, no estabelecido, o homem transforma-se numa coisa entre as coisas.

A angústia é a descoberta desta situação do homem, é a descoberta deste nada do mundo. A angústia é um sentimento que tem uma significação ontológica, revela-nos a estrutura fundamental do ser, porque o ser se declara pelo homem.

A propósito, Heidegger, sobre a angústia, em *O Ser e o Tempo*, diz:

“Aquilo com que a angústia se angustia é o ser - no - mundo como tal. Como se distingue fenomenalmente o com quê da angústia não é, de modo algum, um ente intramundano. Por isso, com ele não se pode estabelecer nenhuma conjuntura essencial (...) O com quê da angústia é inteiramente indeterminado (...) Nada do que é simplesmente dado ou que se acha à mão no interior do mundo serve para a angústia com ele angustiar-se (...) O mundo possui o caráter de total insignificância. Na angústia, não se dá o encontro disso ou daquilo com o qual se pudesse estabelecer uma conjuntura ameaçadora (...) O que caracteriza o referente da angústia é o fato do ameaçador não se encontrar em **algum lugar**. Ela não sabe o que é aquilo com que se angustia (...) Aquilo com que a angústia se angustia é o “nada” que não se revela “em parte alguma” (...). Se portanto, o nada, ou seja, o mundo como tal, se apresenta como aquilo com que **a angústia se angustia, isso significa que a angústia, se angustia com o próprio ser - no - mundo** (...) O angustiar-se abre, de maneira originária e direta, o mundo como mundo (...) Naquilo pelo que se angustia, a angústia abre a pre-sença como ser possível e, na verdade como aquilo que somente a partir de si mesmo pode singularizar-se numa singularidade.” (HEIDEGGER, 1988:250-5)

E prossegue:

“É na angústia que a liberdade de ser **para** o poder-ser mais próprio e, com isso, para a possibilidade de propriedade e impropriedade se mostra numa concreção originária e elementar.” (HEIDEGGER, 1988:256)

Para Heidegger, todo sentimento é revelação da situação original e da derrelição, que só nos é revelada diretamente na angústia. É por isso, que, para ele, a angústia constitui o sentimento fundamental. A angústia é um tipo de sentimento que declara ao homem o que ele é realmente. A angústia denuncia ao homem a insignificância de todas as possibilidades intramundanas. Aquele ente no qual o homem se amparava resvala no nada e o faz sentir-se suspenso sobre o vazio, com um sentimento profundo de desabrigo, colocado diante de sua possibilidade essencial de ser ou não ser. Essa possibilidade essencial de ser ou não ser é que constitui o pro - jeto, algo lançado para o futuro. Daí a angústia abrir a pre - sença (Dasein) como ser possível e que pode “singularizar-se numa singularidade”.

A vida do homem é privada de um sentido pessoal. Ele é o que é preciso que seja em função de sua profissão, de seu papel social. Afasta-se de sua existência autêntica. Isso é uma degradação. Para fugir dessa degradação, o homem deve procurar todos os possíveis. Essa existência, que vai dar no nada e que só tem sentido por causa dele, é fundamentalmente uma existência para a morte - a possibilidade da impossibilidade da existência. Em seu livro *O ser e o Tempo*, HEIDEGGER (1988) diz: “O ser para a morte, enquanto significa lançar-se antecipadamente na possibilidade, é o que, antes de tudo, torna possível a possibilidade e o que a isola como tal”.

Pela morte o homem arranca-se à realidade acabada e abre o horizonte infinito dos possíveis. No dizer de Lévinas, “a existência é uma aventura de sua própria impossibilidade”.

Emmanuel Mounier, em sua *Introducción a los existencialismos*, Ediciones Guadarrama, Madrid, faz uma comparação que expressa a essência do existencialismo como um novo marco na história da filosofia: “O desespero ocupa na perspectiva existencial, o lugar que a dúvida metódica ocupa no início da reflexão cartesiana”. (MOUNIER, 1963)

Ao otimismo desmesurado da burguesia, à confiança no progresso, na razão, sucede, na hora da decadência, com suas convulsões, seus antagonismos, suas crises e suas guerras, uma consciência infeliz que fará do existencialismo sua justificação ontológica. Essa crise coloca em questão a estrutura do ser e a condição do homem, o valor do conhecimento e a significação da história. Para Heidegger, a liberdade do homem é ao mesmo tempo sustentada e ameaçada pelo mundo e pela transcendência. O homem para ele nasceu sem justificação; ele está aí, sem razão, sem finalidade. Nisso consiste a facticidade do homem. É o absurdo.

No livro de GARAUDY (1968), encontramos, a propósito do conceito heideggeriano de angústia o seguinte:

“A angústia é a experiência vivida fundamental em que se resumem todos os aspectos da condição humana: a solidão, a absurdez, a ameaça constante de perder-se nas coisas, de não ser mais que o prolongamento de nosso passado conjugado, ou de ser tragado por esse mundo objetivo acabado que nos cerca e de converter-se numa engrenagem passiva do mesmo, a vertigem de uma linguagem pode ensinar-nos o que temos de fazer, a presença da morte ao final de tudo o que me envolve e de tudo o que sou”. (GARAUDY, 1968:56)

Para terminar essa reflexão sobre o conceito de angústia inserido no existencialismo heideggeriano, podemos dizer que, posteriormente a Heidegger, com a crise da burguesia, a Revolução Russa e ainda a ascensão do movimento operário na França, depois dos temas negativos como desespero, angústia, desamparo decorrentes da derrocada de mundo, surge a possibilidade de uma revolução. Essa visão está presente em Berdiaev e é uma constante do existencialismo francês. Derrocada... perdição... revolução... redenção... salvação. Há uma transposição metafísica: a redenção do homem. A redenção do homem se materializa através da revolução. Há como que uma teologização dos termos revolucionários. As duas temáticas características do existencialismo são dialeticamente dependentes: uma rejeita o mundo para tomar distância dele, outra para experimentar em decorrência dessa separação, nosso poder de escolha, nossa total responsabilidade. Essas temáticas são os dois pólos no interior do tema fenomenológico que lhes constitui a unidade.

Diz KIERKEGAARD (1968:237): “Enquanto o pensamento abstrato tem por tarefa compreender abstratamente o concreto, o pensador subjetivo (ou existencialista), ao contrário, tem por tarefa compreender concretamente o abstrato”. Talvez seja por isso que o pensamento existencialista se exprime, com maior facilidade, em obras literárias como romance e teatro do que nos trabalhos estritamente filosóficos. Simone de Beauvoir confirma essa posição quando escreve: “Se a descrição da essência surge da filosofia propriamente dita, só o romance permitirá evocar na sua realidade completa, singular e temporal o jorro original da existência”. (BEAUVOIR, 1965:119) Talvez esse seja o motivo que levou Sartre a ser considerado pelo menos pela maioria dos estudiosos de filosofia, o mais importante pensador do existencialismo. Ele, como ninguém, associou a filosofia existencialista como teoria à literatura como expressão, no nível estético, dessa teoria. Aliás, sua versatilidade lhe permitiu exprimir-se em linguagem filosófica em forma de crítica literária, de novela e de romance. A propósito, Maurice Blanchot, citado por Annie Cohen-Solal, na obra SARTRE, (1986:335) afirma: “Essa fusão de filósofo e literato, com o mesmo grau de excelência, decorre também da possibilidade que a filosofia e a literatura lhe propiciaram ao se fundir nele”. (Texto adaptado para revista do livro **Angústia e Existência**, Fogaça, Francisco José. Maringá: Viseu, 2019).

Referência Bibliográficas

- Beauvoir, Simone de. O existencialismo e a soberania das ações. S.L: Minotauro, 1965. 127p
- Fouquié, Paul. O existencialismo. São Paulo: Difel. 1975
- Heidegger, Martin. 1889-1976 Conferências e escritos filosóficos. São Paulo: Abril Cultural, 1993.
- Heidegger, Martin. Introdução à metafísica. Trad. Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966.
- Heidegger, Martin. O ser e o tempo. 2ed. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- Kierkegaard, Soren. O conceito de angústia. São Paulo: Hemus Livraria Editora Ltda., 1968.
- Kierkegaard, Soren. Temor e tremor. Lisboa: Guimarães Editores, 1990.
- Mac Dowell, João A. A gênese da ontologia fundamental de M. Heidegger. São Paulo: Loyola, 1993. (Coleção Filosofia).
- Waelhens, Afonso de. Heidegger. Traducción de Carlos A. Fayard. Buenos Aires: Ediciones Losange, 1995. (Colección Filósofos y Sistemas).
- Troignon, Pierre. Heidegger. Lisboa: Edições 70 (Biblioteca Básica de Filosofia).